

# Os campeões das bolsas milionárias

Portugal conquistou 15 bolsas do Conselho Europeu de Investigação em 2014 no valor de 26 milhões de euros



Raquel Oliveira e Luís Moita, os últimos cientistas do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) a ganhar uma bolsa do Conselho Europeu de Investigação. O IGC é o centro de investigação nacional que mais bolsas conquistou desde 2007. FOTO NUNO BOTELHO

VIRGÍLIO AZEVEDO

Os investigadores do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) são os que conseguiram até agora ganhar mais bolsas milionárias do Conselho Europeu de Investigação (ERC, na sigla em inglês). O Expresso analisou as estatísticas oficiais do ERC desde 2007, quando arrancou esta iniciativa da Comissão Europeia, e concluiu que o campeão nacional é o IGC, com sete bolsas que somam 11,24 milhões de euros.

A classificação foi elaborada com base no número de bolsas e não na soma dos seus valores, critério também usado pelo ERC. Mas é de assinalar que o centro de investigação português que figura em segundo lugar — o Instituto de Medicina Molecular (IMM), da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa — foi aquele em que os seus cientistas conseguiram o maior financiamento nacional: 13 milhões de euros distribuídos por seis bolsas.

Em 2007/2014, Portugal obteve 49 bolsas e há quatro cientistas que conseguiram mais do que uma: Henrique Veiga Fernandes (3) e Bruno Silva Santos (2), ambos do IMM, onde dirigem laboratórios com o seu nome; Vítor Cardoso (2), do Centro Multidisciplinar de Astrofísica do Instituto Superior Técnico; e Rui Costa, da Fundação Champalimaud. Boaventura de Sousa Santos, que lidera o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, é o investigador que recebeu até hoje a bolsa mais elevada — 2,423 milhões de euros, em 2010, com um projeto de desenvolvimento de um novo modelo teórico para a Europa partilhar as experiências do resto do mundo.

O maior número de sempre de bolsas do ERC ganhou por cientistas a trabalhar em Portugal foi atingido em 2014. Os últimos dados oficiais foram divulgados esta semana

e revelam que o nosso país conquistou 15 bolsas no valor de 26 milhões de euros, contra nove em 2013. E são dados provisórios, porque ainda não foram divulgados os nomes dos cientistas que vão receber Advanced Grants. Este é um dos três tipos de bolsas atribuídas anualmente pelo ERC (ver caixa com números) aos investigadores dos 28 Estados-membros da UE e ainda a 11 países associados ao programa europeu de apoio à ciência e inovação, o Horizonte 2020.

O grande crescimento das bolsas portuguesas no ano passado (em 2007 eram apenas duas) poderá vir a inverter a posição modesta que Portugal tem ocupado no ranking europeu, mesmo quando comparado com o grupo de Estados-membros da UE com uma população semelhante (ver gráfico). Neste grupo de sete países, Portugal surge apenas à frente da República Checa, nos dados acumulados de 2007 a 2013, os últimos conhecidos para os 28 Estados-membros da UE. Mas há mesmo países com metade da população de Portugal, como a Dinamarca e

a Finlândia, que têm resultados muito superiores (79 e 67 bolsas acumuladas).

Miguel Seabra, presidente da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), a principal agência de apoio à ciência em Portugal, afirma que “com os resultados de 2014, Portugal já tem um número de bolsas maior do que a Grécia e a Hungria, e sempre teve maior número do que a República Checa”.

## Qualidade da ciência feita em Portugal

Raquel Oliveira e Luís Moita, investigadores principais do Instituto Gulbenkian de Ciência (na foto), foram os últimos cientistas da instituição que conseguiram bolsas do ERC, respetivamente com projetos sobre a influência da morfologia dos cromossomas na divisão celular (€1,5 milhões) e sobre o desenvolvimento de estratégias para o tratamento da sepsis (€2 milhões), uma infeção generalizada no corpo humano. Raquel Oliveira reconhece que “a motivação pode ter sido maior para concorrermos em Portugal às bolsas do ERC, devido aos cor-

tes orçamentais na investigação impostos pela crise”, mas há outra explicação para as 15 bolsas conquistadas em 2014: “A qualidade da ciência portuguesa tem melhorado muito.”

Luís Moita considera também que estas bolsas milionárias “são o resultado natural do grande incremento da ciência portuguesa”, mas argumenta que não as vê “como um financiamento alternativo aos financiamentos nacionais”. Com efeito, no caso de um cientista “não conseguir uma bolsa do ERC, isto não significa que consiga um apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT)”. E mesmo “na hipótese mais otimista de o conseguir e no valor máximo estabelecido no último concurso de projetos de investigação científica, são apenas 200 mil euros para três anos de trabalho, o que não é dinheiro nem tempo suficientes para desenvolver um projeto em condições”.

Por isso, “uma das grandes vantagens das bolsas do ERC, além do seu valor, é a sua duração por cinco anos, o que dá uma grande estabilidade à nossa investigação”, sublinha Raquel Oliveira. “Além disso, permitem dispor de fundos para comprar equipamento (o que é impossível nos concursos de projetos da FCT), dão liberdade para desenvolver um projeto baseado numa ideia e apostam na valorização do conhecimento e não apenas nos resultados práticos imediatos.”

As bolsas do ERC representam uma pequena fatia das necessidades de financiamento da ciência em Portugal, mas dão projeção nacional e internacional aos cientistas que as recebem e às instituições onde trabalham. A Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, por exemplo, inseriu um anúncio de página inteira num jornal em que diz que foi a única faculdade portuguesa com três bolsas do ERC em 2014.

## TRÊS PERGUNTAS A

### Miguel Seabra

Presidente da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT)

■ **A maior competitividade da ciência portuguesa e as restrições ditadas pela crise explicam o grande crescimento das bolsas do ERC conquistadas por Portugal?**

■ A crescente competitividade dos investigadores e centros de investigação nacionais são com certeza uma razão para o aumento de financiamentos do ERC. As bolsas do ERC, altamente competitivas, reconhecem a excelência internacional de projetos, pelo que os resultados alcançados pelos nossos investigadores sugerem que o sistema científico nacional está cada vez mais bem preparado para os desafios colocados pelo novo programa-quadro da UE, o Horizonte 2020. Apesar das dificuldades que o país tem enfrentado, temos conseguido manter um nível de financiamento relativamente estável. Desde 2013 que a componente de Orçamento do Estado do orçamento da FCT tem aumentado. Ainda mais relevante, houve uma evolução positiva no montante executado pela fundação: entre 2011 e 2013 aumentou de 410 para 424 milhões de euros.

■ **Nos dados acumulados desde 2007, Portugal está nos últimos lugares do ranking dos países da UE com população semelhante. Porquê?**

■ Com os resultados de 2014, Portugal já tem um número de bolsas do ERC maior do que alguns desses países, como a Grécia e a Hungria, e sempre teve maior número do que a República Checa. Aumentar esse número e a taxa de sucesso tem sido um dos objetivos da FCT. A taxa de sucesso de 2014 já está mesmo acima da meta traçada de duplicar o número de bolsas durante o Horizonte 2020 relativamente ao programa-quadro da UE anterior.

■ **As bolsas do ERC representam 17% do orçamento do Horizonte 2020. Estas bolsas poderão ser uma importante fonte de financiamento da ciência portuguesa?**

■ Todos os financiamentos disponíveis no Horizonte 2020 têm uma contribuição importante. Os resultados de 2014 — com 15 investigadores nacionais, para já, a assegurar financiamento — são os melhores de sempre e mostram que a nossa comunidade científica está no bom caminho. Também os resultados globais da participação de parceiros portugueses no primeiro ano (2014) do Horizonte 2020 são muito positivos: a taxa de captação de verbas por parceiros nacionais vai situar-se em 1,7% a 1,8%, o que ultrapassa bastante o objetivo nacional inicial de 1,5%, que representaria já um retorno de verbas para Portugal maior do que a nossa contribuição. O Programa Investigador FCT, que atribui contratos de cinco anos aos doutorados mais competitivos, tem já um peso de 10% no orçamento da FCT para a ciência. Este programa e as bolsas do ERC permitem a entrada de novos investigadores no sistema científico nacional e a permanência no país dos investigadores mais competitivos a nível europeu e até mundial.

## INVESTIGAÇÃO EUROPEIA

# 4

cientistas portugueses já receberam mais do que uma bolsa do Conselho Europeu de Investigação (ERC): Henrique Veiga Fernandes (3 bolsas) e Bruno Silva Santos (2), do Instituto de Medicina Molecular; Vítor Cardoso (2), do Instituto Superior Técnico; e Rui Costa (2), da Fundação Champalimaud

# 17%

do orçamento do Horizonte 2020, o programa da UE de apoio à ciência e inovação até 2020, destinam-se ao financiamento destas bolsas

# 3

tipos de bolsas são atribuídas anualmente pelo ERC: Starting Grants, até €2 milhões, a que podem concorrer cientistas com dois a sete anos de carreira depois do doutoramento; Consolidator Grants, até €2,75 milhões, para cientistas com 7 a 12 anos de carreira depois do doutoramento; e Advanced Grants, até €3,5 milhões, para cientistas que tenham apresentado resultados significativos na sua investigação ao longo dos últimos dez anos. Qualquer destas bolsas tem a duração de cinco anos. Portugal já recebeu 49 desde 2007

## BOLSAS DO CONSELHO EUROPEU DE INVESTIGAÇÃO

De 2007-2013



## OS 7 MAGNÍFICOS

Valores em milhões de euros

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO	BOLSAS	VALOR
1 Instituto Gulbenkian de Ciência	7	11,24
2 Instituto de Medicina Molecular (Univ. de Lisboa)	6	13
3 Fundação Champalimaud	5	8,76
4 Centro de Estudos Sociais (Univ. de Coimbra)	4	7,89
5 Instituto de Biologia Molecular e Celular (Univ. do Porto)	4	5,85
6 Dep. de Ciência dos Materiais (Univ. Nova de Lisboa)	3	5,75
7 Instituto Superior Técnico (Univ. de Lisboa)	3	4

FONTE: CONSELHO EUROPEU DE INVESTIGAÇÃO (ERC); FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA (FCT)

vazevedo@expresso-impressa.pt